



SEED-PR

SECRETARIA DE ESTADO DA
EDUCAÇÃO - PARANÁ - PR

Professor- História

EDITAL Nº 011/2023

CÓD: SL-020AB-23
7908433234333

Conhecimentos Didáticos

1. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR: documentos curriculares do Paraná e o seu Quadro Organizador....	7
2. Plano de aula, relação entre o planejamento da aula e o atendimento dos objetivos de aprendizagens, relação entre o desenvolvimento das competências gerais e específicas e as estratégias/metodologias utilizadas pelo professor e a avaliação	7
3. A METODOLOGIA VIABILIZANDO A APRENDIZAGEM: as estratégias de ensino, sua correlação com os recursos didáticos.....	13
4. Observação de sala de aula: estratégias de construção de parceria com o pedagogo.....	13
5. A importância das Metodologias Ativas.....	14
6. Plataformas educacionais como meio para desenvolver habilidades.....	15
7. A GESTÃO DE SALA DE AULA: a importância do Tripé (Organização da Coletividade, Cuidado com as Relações Interpessoais e Mediação do Conhecimento)	16
8. Estratégias de gestão do tempo e da aprendizagem	16
9. A importância do clima escolar para a construção do respeito e de um ambiente acolhedor para a formação do estudante.....	16
10. A AVALIAÇÃO E A RECUPERAÇÃO DA APRENDIZAGEM: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa; recuperação de estudos e reavaliação; critérios, instrumentos e intencionalidade da avaliação escolar	17

Estatuto da Criança e do Adolescente

1. Lei Federal nº 8.069/1990 e suas alterações (Estatuto da Criança e do Adolescente): Arts. 56, 232 e 245	34
--	----

Conhecimentos Específicos Professor - História

1. Reinos e Sociedades africanas e do Crescente Fértil: Sociedades do vale do Nilo.. Sociedades da África Subsaariana. Povos Mesopotâmicos.	39
2. Antiguidade Clássica: Grécia. Roma	46
3. Idade Média: Europa Medieval.	57
4. Os muçulmanos. Os bizantinos.....	64
5. Idade Moderna: Renascimento e Humanismo.	69
6. Reformas religiosas.	70
7. Grandes Navegações.	72
8. Estados Nacionais Modernos.....	74
9. Colonização do Brasil: Povos indígenas. Sistema colonial. . Economia açucareira. Mineração. Pecuária.	75
10. Trabalho escravo	81
11. Ocupação e conquista da América: Maias. Astecas. Incas. Sistema colonial espanhol.....	81
12. Brasil Império: Processo de Independência.....	85
13. Primeiro Reinado.	86
14. Período Regencial.	87
15. Segundo Reinado.	89

ÍNDICE

16. Revoluções Burguesas: Revolução Francesa.	93
17. Revolução Industrial.	95
18. Independência dos EUA.	98
19. Conflitos e revoluções do século XX: . Primeira Guerra Mundial.	99
20. Revolução Bolchevique.	101
21. Segunda Guerra Mundial.	103
22. Guerra Fria.	107
23. Brasil Republicano: Proclamação da República. Primeira República.	112
24. Era Vargas.	117
25. Governos populistas.	120
26. Regime Militar.	122
27. Redemocratização.....	124

O que ensinar? Qual o conteúdo requerido, selecionado? Como integrar conteúdos e outras áreas do saber (temas transversais, interdisciplinaridade)?

Como ensinar? Quais os recursos didáticos disponíveis? Outros podem ser providenciados/ construídos? Qual o período da aula (matutino, vespertino, noturno)? Como aproveitar os conhecimentos e experiências prévias? Quais estratégias utilizar?

Como verificar a aprendizagem? Como acompanhar o processo educativo? Quais os critérios para definir o sistema de avaliação?

Quais os métodos e tipos de instrumentos de avaliação? Há coerência entre os métodos de avaliação e os objetivos delineados? Consideram os resultados a serem alcançados?

Nessa perspectiva, em um modelo prático (mas, não único!), estruturalmente o Plano de Aula é constituído por: Identificação, Objetivos, Conteúdos, Metodologias, Recursos e Avaliação.

1. CABEÇALHO E IDENTIFICAÇÃO

Escola:
Turma:
Disciplina:
Professor(a):
Data:
Horário:
Duração:
Tema:

2. OBJETIVOS

Para falarmos sobre objetivos vamos lembrar um trecho do filme "Alice no País das Maravilhas", aquele em que a personagem se encontra frente a vários caminhos para prosseguir sua busca pelo coelho que fugiu com o relógio:

Ao ver um grande gato no alto de uma árvore pergunta-lhe:

— *Você pode me ajudar?*

Ele diz:

— *Sim, pois não.*

— *Para onde vai essa estrada, pergunta ela.*

Ele responde com outra pergunta:

— *Para onde você quer ir?*

Ela diz: — Não sei, estou perdida.

Ele, então, lhe diz assim:

— *Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve.*

Os professores, especialmente àqueles que compreendem a função social e política da educação, não podem ser estilo "Alice", ou seja, não ter clareza do que querem atingir com suas aulas. Como escapar desse estilo? É necessário planejar criteriosamente suas aulas.

A elaboração de um plano de aula inicia-se com a formulação dos objetivos de aprendizagem, ou seja, a definição clara e precisa do que se espera que o estudante seja capaz de fazer após a conclusão da aula/disciplina. A elaboração de objetivos mais adequados ao ensino pode ser facilitada pelo uso da Taxonomia de Bloom³ (auxilia a identificação e a declaração dos objetivos).

³ Uma das teorias de aprendizagem que auxiliam os professores no planejamento e aprimoramento do processo educacional é a Taxonomia de Bloom, bastante utilizada para definir objetivos. Benjamin Bloom (1913–1999) foi um psicólogo e pedagogo norte-americano que desenvolveu diversas pesquisas ao longo de sua vida profissional, abordando a educação com uma perspectiva psicológica. Ele entendia que a educação vai além do âmbito acadêmico, pois deve servir ao propósito de extrair todo o potencial humano, para que este alcance seus

Uma estrutura de organização hierárquica de objetivos educacionais. Essa taxonomia resultou do trabalho de uma comissão multidisciplinar de especialistas de várias universidades dos Estados Unidos, liderada por Benjamin S. Bloom, na década de 1950. A classificação divide as possibilidades de aprendizagem em três grandes domínios:

– **Cognitivo:** abrangendo a aprendizagem intelectual (relacionado ao aprender, dominar um conhecimento);

– **Afetivo:** abrangendo os aspectos de sensibilização e gradação de valores (relacionado a sentimentos e posturas);

– **Psicomotor:** abrangendo as habilidades de execução de tarefas que envolvem o organismo muscular (relacionado a habilidades físicas específicas).

Para melhor compreensão do assunto vamos rever os objetivos de nossa aula:

Compreender os princípios norteadores da elaboração do plano de aula;

Identificar os elementos que compõem o plano de aula;

Elaborar o plano de aula;

Refletir sobre a importância do planejamento na organização das ações de ensino.

Você pode nos dizer a quais domínios da Taxonomia de Bloom eles se relacionam? Como você pode observar a declaração de um objetivo se inicia com um verbo no infinitivo que descreve o desempenho esperado do estudante.

Ao selecionar os verbos, precisamos considerar o que o estudante deverá ser capaz de. Veja no quadro referente ao domínio cognitivo, os verbos associados às diferentes categorias.

CATEGORIA	VERBO
Conhecimento	Definir, escrever, selecionar, sublinhar, selecionar, lembrar, declarar, listar, reconhecer, reproduzir, nomear, rotular, medir.
Compreensão	Identificar, ilustrar, explicar, justificar, representar, julgar, selecionar, nomear, constatar, indicar, formular, classificar.
Aplicação	Predizer, escolher, encontrar, construir, selecionar, mostrar, computar, avaliar, demonstrar, usar, explicar, desempenhar.
Análise	Analisar, selecionar, justificar, identificar, separar, resolver, concluir, comparar, separar, diferenciar, contrastar, criticar.
Síntese	Combinar, arguir, selecionar, repetir, discutir, relacionar, sumarizar, organizar, generalizar, sintetizar, derivar, concluir.
Avaliação	Julgar, suportar, identificar, avaliar, defender, evitar, determinar, atacar, selecionar, reconhecer, criticar, escolher.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4505701/mod_resource/content/2/TEXTO%20PLANO%20DE%20AULA.pdf

sonhos com um olhar mais otimista para os alunos, sem vê-los como meros estudantes. Considerando os aspectos cognitivos, emocionais e psicomotores da aprendizagem, bem como sua influência sobre o processo educacional e modo de auxiliar os professores na prática de ensinar, em 1956, Bloom apresentou seu modelo educacional no trabalho intitulado "Taxonomia de objetivos educacionais".

Portanto, lembre-se da Taxonomia de Bloom ao definir os objetivos: conforme o domínio, os objetivos são expressos por verbos que explicitam a ação esperada, de forma coerente. Ex: considerando o domínio cognitivo, o verbo escolhido no objetivo deve expressar o que o estudante deverá conhecer; no domínio psicomotor, o que o estudante deverá ser capaz de fazer e no domínio afetivo que atitudes e comportamentos o estudante deverá adotar após a aula.

Características dos objetivos bem delineados:

- Orientados para os sujeitos da ação;
- Fornecem uma descrição dos resultados desejados;
- São claros e precisos;
- São facilmente compreendidos;
- São relevantes;
- São realizáveis.

3. CONTEÚDOS

A seleção dos conteúdos a serem trabalhados na aula deve responder a questão: Para alcançar os objetivos delineados quais conteúdos devem ser trabalhados?

Considere também os critérios abaixo:

- Vinculação aos objetivos;
- Validade (aplicável à vida real);
- Significância (relação com experiências pessoais dos sujeitos);
- Utilidade para os sujeitos (atender as necessidades e interesses dos estudantes);
- Adequado à diversidade dos sujeitos;
- Adequado ao tempo da ação.

Para facilitar o delineamento dos conteúdos e seleção das estratégias de ensino, propõe-se a tipologia dos conteúdos de aprendizagem:

– **Factuais:** referem-se ao conhecimento de fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares. Envolve memorização e repetição.

– **Conceituais:** relacionam-se com conceitos propriamente ditos e referem-se ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que possuem características comuns. São mais abstratos e envolvem compreensão, reflexão, análise e comparação. Envolve compreensão e utilização dos conhecimentos.

– **Procedimentais:** Referem-se ao aprender a fazer, envolvem regras, técnicas, métodos, estratégias e habilidades. Como exemplos, temos: ler, desenhar, observar, classificar e traduzir. A aprendizagem envolve a realização de ações, ou seja, para aprender é preciso fazer e aplicar o conhecimento em diferentes contextos.

– **Atitudinais:** envolvem valores, atitudes e normas. Incluem-se nesses conteúdos, a cooperação, a solidariedade, o trabalho em grupo, o respeito, a ética e o trabalho com a diversidade. A aprendizagem desses conteúdos envolve a reflexão, tomada de posição e avaliação, o que pode ser facilitado por meio de estudos de casos, situações-problemas, júri simulado, etc.

Selecione os conteúdos, baseando-se no Plano de Ensino, estabelecendo uma sequência lógica para facilitar a integração dos demais conteúdos. Conforme o contexto pode-se estabelecer a abordagem dos aspectos mais gerais até os mais específicos, preferencialmente iniciando dos mais simples para os mais complexos.

Certifique-se de que está contemplando o necessário para o momento, quantitativa e qualitativamente, sem exceder os limites, incluindo outros assuntos que podem ser abordados posteriormente, de maneira mais facilitadora, à compreensão e ao aprendizado.

4. ESTRATÉGIAS

Corresponde aos caminhos/meios para atingir os objetivos. Para a seleção das estratégias de ensino é preciso responder a questão: Que situações de aprendizagem devo organizar para que o estudante atinja os objetivos delineados?

Alguns critérios devem ser considerados na seleção das estratégias:

- Concepção pedagógica adotada;
- Domínios dos objetivos;
- Tipologia dos conteúdos;
- Características dos estudantes;
- Características da estratégia;
- Características do professor;
- Características do assunto abordado;
- Tempo para desenvolvimento da ação;
- Recursos disponíveis: materiais, físicos, humanos e financeiros.

Na seleção das estratégias o alcance dos objetivos se torna mais fácil quando estas:

- Permitem resgatar o conhecimento prévio dos estudantes;
- Promovem a participação ativa dos estudantes;
- Valorizam os saberes dos estudantes, ainda que estes sejam do senso comum.

Alguns exemplos de estratégias de ensino:

– Jogos, dramatização, dinâmica de grupo, roda de conversa, oficina pedagógica, palestra, projetos, resolução de problemas, blogs, seminários, estudos de caso e outros.

5. RECURSOS DIDÁTICOS

São os meios necessários à concretização da estratégia. Estão relacionados aos métodos de ensino e estratégias a serem utilizadas. Devem ser previstos os recursos materiais, físicos, humanos e financeiros.

Os recursos variam desde quadro branco, pincel e apagador, projetor de slides, filmes, mapas, cartazes, aplicativos e softwares de última geração. É importante contemplar ainda manifestações artísticas na formação, tais como poesias, músicas, esculturas, pinturas, fotografias para aprimorar a inserção cultural dos estudantes.

Considerando o perfil atual dos estudantes, os nativos digitais, torna-se vital a inclusão das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em atividades dinâmicas como jogos, simulações, aulas virtuais, etc. Isso faz com que estudantes e professores se sintam estimulados, tornando o conteúdo mais agradável com vistas a facilitar a compreensão e o aprendizado.

Considere que a eleição de determinados recursos e estratégias metodológicas expressam as concepções pedagógicas adotadas pelo docente e pela escola, bem como as intencionalidades subliminarmente identificadas no processo educativo.

6. AVALIAÇÃO

Vamos conhecer as principais civilizações desse período:

Egito

A civilização egípcia se desenvolveu no nordeste da África às margens do rio Nilo. Situado em meio a dois desertos (Líbia e Arábia), o Egito aproveitou suas características geográficas que contavam com as cheias do Nilo para tornar o solo fértil e prover grandes áreas de plantio.

Foi ali que houveram duas grandes mudanças:

1ª as comunidades primitivas iniciaram um processo de divisão por território (em busca das melhores terras). Foi nesse momento em que surgiram as figuras dos primeiros líderes (detentores das melhores terras);

2ª dois personagens históricos surgiram como consequência desse fato: a figura do camponês (membros de famílias que não tinham mais a posse da terra) e a figura dos nomarcas (líderes que tinham o domínio das terras e abrigavam essas famílias).

A origem do termo nomarca deriva justamente dessas áreas. As unidades de terra independentes eram chamadas de nomos, logo, o chefe de um nomo era o nomarca.

Os nomos não demoraram para entrar em choque uns com os outros fazendo com que os nomos menores desaparecessem incorporados pelos mais fortes.

Não tardou para que esses agrupamentos crescessem e dessem origem a apenas dois grandes nomos (trataremos por reinos), e por consequência, dois grandes líderes. Divididos com domínios ao sul e ao norte esses reinos ficaram conhecidos como Alto Egito e Baixo Egito.

Por volta de 3200 a.C., ocorreu uma grande mudança no domínio do país: o nomarca do sul, Menés, venceu o nomarca do norte unificando o Egito, transformando a cidade de Tinis em capital e se tornando o primeiro Faraó. A partir desse momento tiveram início as Dinastias (famílias reais que governaram o Egito por quase 3.000 anos).

O período histórico em que as dinásticas governaram o Egito é considerado extenso, e por isso a História do Egito é comumente dividida em três partes:

- Antigo Império: de 3200 a.C. até 2200 a.C.
- Médio Império: de 2200 a.C. a 1750 a.C.
- Novo Império: de 1580 a.C. a 1085 a.C.

O Antigo Império (3200 a 2200 a.C.)

Os sucessores de Menés continuaram a governar por mais de mil anos e durante esse período o Egito Antigo viveu um isolamento quase completo. O faraó possuía amplos e era visto como uma encarnação do deus do Sol, Rá.

Foi durante o Antigo Império que a classe religiosa (representada pelos sacerdotes) conquistou poder através da influência e riqueza. As grandes pirâmides de Gizé, consideradas maravilhas honorárias do mundo moderno, foram construídas durante o Antigo Império, atribuídas aos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos.

Uma nobreza privilegiada cooperava na administração e na exploração dos camponeses, também acumulando grande poder. Esse fortalecimento a levou a tentar assumir o controle direto do Estado.

Seguiu-se um período sem estabilidade em que praticamente cada nobre se julgava em condições de ocupar o trono faraônico. O clero aproveitou-se para expandir seu poder político, apoiando diferentes postulantes ao trono de acordo com seus interesses.

O Médio Império (2000 a 1750 a.C.)

O Médio Império se caracterizou por uma nova dinastia e uma nova capital: Tebas.

Nesse período o Egito se expandiu em direção ao sul, aperfeiçoou sua rede de canais de irrigação e estabeleceu colônias mineadoras no Sinai (Península do Sinai). A procura por cobre (escasso na região) e seu consequente comércio com outros povos fez com que o Egito ficasse conhecido – cobiçado – por outras populações do Oriente Médio.

Alguns povos procedentes da Ásia Menor desencadearam uma série de investidas em direção ao Vale do Nilo. Após diversos ataques de povos diferentes, foram os hicsos [Os hicsos foram um povo semita asiático que já utilizava o cavalo e o ferro. Eles invadiram a região oriental do Delta do Nilo durante a décima segunda dinastia do Egito, iniciando o Segundo Período Intermediário da história do Antigo Egito.], que derrotaram as forças faraônicas do Sinai e ocuparam a região do delta do Egito, onde se instalaram de 1750 a 1580 a.C.

Foi durante essa dominação estrangeira que os hebreus se estabeleceram no Egito.

O Novo Império (1580 a 1085 a.C.)

Foi o faraó Amósis I quem expulsou os hicsos dando início a uma fase militarista e expansionista da história egípcia. Posteriormente, sob o reinado de Tutmés III, a Palestina e a Síria foram conquistadas, estendendo o domínio do Egito até as nascentes do rio Eufrates.

Durante esse período de apogeu, o faraó Amenófis IV empreendeu uma revolução religiosa e política. O soberano substituiu o politeísmo tradicional, cujo deus principal era Amon-Ra, por Aton, simbolizado pelo disco solar. Essa medida tinha por finalidade eliminar a supremacia dos sacerdotes, que ameaçavam sobrepujar o poder real.

O faraó passou a denominar-se Akhnaton, atuando como supremo sacerdote do novo deus. A revolução religiosa teve fim com o novo faraó Tutancaton, que restaurou o politeísmo e mudou seu nome para Tutancâmon.

Com a cidade de Tebas sendo novamente a capital, os faraós da dinastia de Ramsés II (1320-1232 a.C.) prosseguiram as conquistas. O esplendor do período foi demonstrado pela construção de grandes templos, como os de Luxor e Karnak.

As dificuldades do período começaram a surgir com as constantes ameaças de invasão das fronteiras. No ano 663 a.C., os assírios invadiram o Egito.

O Renascimento Saíta (663 a 525 a.C.)

O domínio assírio durou pouco tempo. Eles foram expulsos pelo faraó Psamético I, que também mudou a capital transferindo-a para a cidade de Saís, no delta do rio Nilo.

As constantes lutas pela posse do trono levaram o Egito à ruína. Os camponeses se rebelaram e a nobreza se viu disputando o poder com o clero. A falta de estabilidade seguida de novas invasões acabaram por fragmentar ainda mais o poder.

Finalmente, por volta de 30 a.C., os romanos invadem o país e colocam fim ao Egito como Estado independente nesse período.

Economia do Egito Antigo

A economia do Egito estava baseada principalmente na agricultura focada no cultivo de cereais como o trigo e a cevada. O pastoreio completava os trabalhos na terra, com a criação de rebanhos de gado bovino e ovino.

A agricultura foi amplamente favorecida pelo rio Nilo e seu regime de cheias. A cheia do Rio Nilo era gerada por chuvas na África Oriental e pelo degelo nas terras altas etíopes.

A forma como a agricultura era praticada causava espanto e curiosidade nos estrangeiros. O historiador grego Heródoto, em sua obra Histórias, escreveu: “O Egito é uma dádiva do Nilo”, associando a formação do Egito à presença e utilização do rio.

De um modo geral, a economia egípcia é enquadrada no modo de produção asiático, em que a propriedade geral das terras pertencia ao Estado e as relações sociais de produção se fundamentavam no regime de servidão coletiva. As comunidades camponesas, presas à terra que cultivavam, entregavam os resultados da produção ao Estado, representado pela pessoa do rei.

Sociedade egípcia

O Egito é considerado uma Sociedade Hidráulica, cuja organização está relacionada com os períodos de seca e cheia dos rios. Nesse tipo de sociedade, a distinção social começou a se fazer notar através do domínio das áreas férteis: os donos das terras ocupavam as áreas mais altas da sociedade enquanto os camponeses, sua base.

O topo da pirâmide social era ocupado pelo faraó e sua família.

A seguir vinham os sacerdotes. Eles ocupavam o mesmo estamento da nobreza que detinha a posse das terras também tinham destaque na sociedade egípcia.

Com o crescimento do comércio e do artesanato durante o Médio Império, surgiu uma classe média empreendedora, a qual chegou a conquistar uma certa posição social e alguma influência no governo.

Os burocratas passaram a ocupar um lugar de destaque na administração, principalmente no que tangia ao recolhimento da produção dos camponeses. Os escribas tinham lugar de destaque nesse segmento e seu poder variava de acordo com a confiança que a nobreza ou o faraó depositavam neles.

Os artesãos e os camponeses ocupavam uma posição abaixo.

Apesar de o governo manter escolas públicas, elas formavam em sua maioria escribas destinados a trabalhar na administração do Estado Faraônico.

Por último e em pequeno número estavam os escravos que se dedicavam a diferentes tipos de trabalhos, podendo ser desde escravos domésticos até trabalhadores rurais.

Religião

No Egito Antigo (como em quase toda a Antiguidade), a religião assumia a forma politeísta, compreendendo uma enorme variedade de deuses e divindades menores.

A preocupação com a vida futura era grande e os cuidados com os mortos eram contínuos, bastando lembrar as cerimônias fúnebres, nas quais se realizavam as oferendas de alimentos e de incenso.

Por volta de 1360 a.C., o Egito passou por um período de monoteísmo (o culto a um único deus) em que o culto foi direcionado a Aton.

Essa mudança fez parte de uma tentativa do faraó em limitar o poder do clero. Além disso, ele mudou seu palácio para longe dos templos e organizou um novo clero. Esse plano funcionou enquanto Amenófis III esteve no poder. Com sua morte, as coisas retornaram ao estágio anterior e o antigo clero voltou a ter maior poder no Egito.

Egito e a Relação com o Reino de Núbia

Quando se pensa em África Antiga, automaticamente nos lembramos da civilização egípcia. No entanto, outros povos, reinos, impérios e civilizações destacaram-se na antiguidade. Nesse contexto, o reino da Núbia, localizado ao sul do Egito e norte do Sudão merece destaque.

Ali habitava uma população negra com língua e origem étnica diferente dos egípcios [Lorena de Lima Marques. Reinos e Impérios Africanos – Reino Núbia. Fundação Cultural Palmares. <http://www.palmares.gov.br/?p=53832>.].

A civilização Núbia surgiu por volta de 4.000 a.C., em meio ao Deserto do Saara e, assim como o Egito, pode ser considerada uma “dádiva do Nilo”. Por volta de 2.000 a.C., as comunidades núbias se unificaram sob o poder de um único rei. Surgiu então o Reino de Kush (Cuxe), um dos primeiros reinos negros africanos, tendo sido Napata, a primeira capital. Napata foi um importante centro comercial e religioso.

Por séculos, as riquezas do Reino de Kush foram levadas para o Egito: ébano, marfim, incenso, gado, ouro e escravos.

A abundância em ouro e a expansão do reino de Kush tornaram-se ao mesmo tempo um incentivo e uma ameaça ao Egito que ocupou seu território por volta de 1500 a.C.

Neste período houve uma egípcianização da Núbia: adotou-se a religião, o culto às divindades egípcias, os costumes funerários e até as práticas arquitetônicas. Em Napata e Méroe, cidades kushitas, foram erguidas numerosas pirâmides.

Esse domínio durou por volta de 500 anos quando o reino de Kush se libertou do domínio egípcio.

Curiosidade: após a libertação do domínio egípcio, Kush derrotou os assírios que dominavam o país vizinho e unificou ambos (Egito e Kush), iniciando um reinado dos “faraós negros” no Egito. A dinastia dos faraós negros perdurou por 52 anos.

Os vestígios dos faraós kushitas foram apagados pelos egípcios. Apesar dessa ação, no ano de 2003 arqueólogos da Universidade de Genebra encontraram no norte do Sudão uma cratera (fechada por aproximadamente 2 mil anos) contendo várias estátuas de ancestrais e lembranças dos faraós negros. Algumas estavam destruídas e enterradas, como forma de apagar o vestígio do domínio desta civilização no Egito.

Após o domínio egípcio, a civilização kushita renasceu aos retores da cidade de Méroe, nova capital, estendendo-se por mais mil anos.

Os meroítas construíram mais pirâmides do que os faraós egípcios. Os números mostram que o Sudão conta com 255 pirâmides enquanto o Egito tem 138 [Felipe Germano. Egito não é o país com maior número de pirâmides. Revista Super Interessante. <https://super.abril.com.br/historia/egito-nao-e-o-pais-com-maior-numero-de-piramides/>.].